Globethics Repository



A revolução de um homem só [The revolution of one man]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-18 05:25:36
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/158606

A revolução de um homem só

Eduardo Guerreiro Brito Losso sustenta que o enfrentamento das injustiças sociais passa primeiro pela conscientização individual e depois pela ação coletiva

Por Márcia Junges e Ricardo Machado

O ano de 2013 foi marcado por diversas mobilizações de rua no Brasil e no mundo. O imperativo de coletivização, que representa um enfrentamento muitas vezes corajoso e heroico diante da polícia, tem, sem dúvida, razões legítimas diante das fragilidades democráticas de nossas sociedades. No entanto, pondera Eduardo Guerreiro Brito Losso, não podemos criar a ilusão de que o engajamento explícito é o único legítimo. "Penso que o cerne da possibilidade de mudança do sistema injusto que vivemos não está, primeiro, na ocupação das ruas e no enfrentamento espetacular e, depois, na conscientização individual, mas, sim, na ordem inversa. Somente no exercício de conhecer a si mesmo e na descoberta da capacidade de transformação de si, ou seja, na conquista de uma autonomia de amplo alcance, é que cada sujeito estará de fato apto a observar, *examinar* de que modo ele está implicado numa rede contextual de culpa e contrariar a efetividade perversa do sistema o máximo que puder", avalia o professor, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Para Eduardo Losso, quanto mais os indivíduos forem capazes de examinarem a si mesmos, desenvolverem a própria autonomia, mais força têm os movimentos sociais. Porém, ressalta o entrevistado, a maior virtude que um homem pode alcançar é a indiferença em relação às suas conquistas. "Esse desprendimento dos valores estabelecidos, até dos valores morais instaurados pela própria religião que se segue, é uma característica essencial da mística, que se originou, diretamente, de uma perspectiva ascética. O poeta moderno, em sua ojeriza pelo modo de vida burguês, pode ser pensado como uma espécie de renovação da ascese e da mística no contexto capitalista", explica. "Para revitalizar a mística tradicional na modernidade, mesmo para entender por que os místicos foram tão avançados em sua época, é preciso encarar a metrópole, a emancipação feminina, a ecologia, o capitalismo, etc., coisas que uma visão tradicional não abarca. Quem faz isso são os escritores modernos. Se a mística foi a revitalização da religião, os escritores modernos são a revitalização da mística", complementa.

Eduardo Guerreiro Brito Losso é mestre e doutor em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ e pela Universität Leipzig, Alemanha, orientado por Christoph Türcke, com a *tese Teologia negativa e Theodor Adorno. A secularização da mística na arte moderna*. Na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ cursou pós-doutorado. Leciona na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ e é um dos autores de *O carnaval carioca de Mario de Andrade* (Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2011). Conheça seu site http://www.eduardoguerreirolosso.com/.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Na perspectiva da mística, qual é a importância do exame de si mesmo?

Eduardo Guerreiro Brito Losso - Nos momentos iniciais da onda de protestos deste ano no Brasil, escrevi uma série de textos interventivos, chamados de "Movimento Ensaio Livre", e um deles se chama "Da crítica ao sistema ao exame de si mesmo". A partir da frase "Se quer mudar o mundo, comece por si mesmo", uma das muitas repetidas nas manifestações e nas redes sociais, coloco em questão a ideia de que só é válida a luta política feita fora de casa e no meio das ruas. O imperativo de coletivização, o estímulo de enfrentamento corajoso e heroico diante da polícia, representante do sistema, ainda que tenha razões legítimas, diante da insuficiente democracia em que vivemos, pode criar a ilusão de que somente a via do engajamento explícito é o único ato crítico válido. Penso que o cerne da possibilidade de mudança do sistema injusto que vivemos não está, primeiro, na ocupação das ruas e no enfrentamento espetacular e, depois, na conscientização individual, mas,

sim, na ordem inversa. Somente no exercício de conhecer a si mesmo e na descoberta da capacidade de transformação de si, ou seja, na conquista de uma autonomia de amplo alcance, é que cada sujeito estará de fato apto a observar, *examinar* de que modo ele está implicado numa rede contextual de culpa e contrariar a efetividade perversa do sistema o máximo que puder. Logo, meu diagnóstico diminui o imperativo dos coletivos e aumenta a necessidade do recolhimento, sem que uma coisa, devo insistir, se oponha à outra.

IHU On-Line - Qual é o lugar da mística e quais são os principais desafios de se vivenciá-la em tempos como os que vivemos?

Eduardo Guerreiro Brito Losso - Cito uma frase de Octavio Paz[1], "A crítica da religião desalojou o cristianismo e em seu lugar os homens apressaram-se em entronizar uma nova deidade: a política". Não é só Paz que chega a essa conclusão. Antes dele, diferentes pensadores da religião como Eliade[2], Frye[3], Berdyaev, etc., observaram esse fenômeno. O mais intrigante é quando novas e velhas religiões retomam o espaço político (ou isso melhor se evidencia, no fundo nunca se retiraram dele) e se aliam ou se confrontam com velhas e novas esquerdas e direitas.

Chegamos, então, a uma estranha conclusão: só na melhor mística, na melhor arte e pensamento que encontramos uma verdadeira crítica do fanatismo. Mais especialmente: na capacidade de pensar sobre si mesmo a partir do silêncio. Não hesito em formular um mecanismo social moderno infalível: quanto mais os indivíduos de uma sociedade forem capazes de examinarem a si mesmos, adquirir autonomia, mais força e qualidade terão os movimentos sociais, e mais eficácia tais movimentos terão de modificar o sistema. Quanto menos eles forem capazes disso, mais os movimentos sociais tornar-se-ão uma mera parte da engrenagem do sistema e contribuirão para a sensação de impotência e a postura de resignação, o pessimismo fácil e cômodo. A aparência de insubmissão vai reforçar a crescente submissão.

IHU On-Line - Em suas pesquisas, qual é a relação que estabelece entre ascese, mística e literatura moderna?

Eduardo Guerreiro Brito Losso - Cito uma frase de Evágrio Pôntico[4], um dos principais ascetas cristãos da antiguidade: "Tanto as virtudes quanto os vícios tornam a mente cega: as virtudes, porque não veem os vícios, os vícios, porque não veem as virtudes." Aqueles que desprezam as virtudes, orgulhosos de seus vícios, não têm a mínima condição de se tornarem pessoas melhores. Aqueles que desprezam o vício dos outros, orgulhosos de suas virtudes, não têm a mínima condição de superarem os vícios originados das virtudes, o que os torna menores. A partir do mote de Evágrio, encontrei a seguinte variação: não tomar vícios por virtudes, o que é um disparate dos fracos, nem viciar-se nas próprias virtudes, o que é uma grave fraqueza dos fortes.

Murilo Mendes[5] não está nada distante disso quando sentencia: "A virtude de um homem torna-se admirável, quando ele não lhe dá atenção. A burocracia da virtude é um fenômeno irritante". Evágrio e Murilo propõem um distanciamento radical das próprias qualidades. A maior virtude que um homem pode alcançar é a indiferença a suas conquistas. Esse desprendimento dos valores estabelecidos, até dos valores morais instaurados pela própria religião que se segue, é uma característica essencial da mística, que se originou, diretamente, de uma perspectiva ascética. O poeta moderno, em sua ojeriza pelo modo de vida burguês, pode ser pensado como uma espécie de renovação da ascese e da mística no contexto capitalista. Seja nos escritores mais isolados, como Flaubert[6] ou Leonardo

1 **Octavio Paz Lozano** (1914-1998): poeta, ensaísta, tradutor e diplomata mexicano, notabilizado, principalmente, por seu trabalho prático e teórico no campo da poesia moderna ou de vanguarda. Recebeu o Nobel de Literatura de 1990. Escritor prolífico cuja obra abarcou vários gêneros, é considerado um dos maiores escritores do século XX e um dos grandes poetas hispânicos de todos os tempos. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Mircea Eliade** (1907-1986): escritor e filósofo romeno, uma das maiores autoridades no estudo das religiões. Estudou a linguagem dos símbolos, usada em todas as religiões para chegar às origens, que se situam sempre no sagrado. Em 1928, obteve seu Masters of Arts em Filosofia na Universidade de Bucareste. Estudou sânscrito e filosofia hindu na Universidade de Calcutá (1928-1931) e morou em um Ashram em Rishikesh, Himalaia. Em 1933, volta à Universidade de Bucareste e ganha o Ph.D. com o tema *Yoga: Essai sur les Origines de lqa Mystique Indiène*. Em 1945, lecionou na École de Hautes Études, na Sorbonne, e, em 1956, foi Prof. de História das Religiões na Universidade de Chicago. Foi também Honoris Causa em numerosas Universidades de todo o mundo. Premiado em 1977 pela Academia Francesa, recebeu a Legião de Honra. A interpretação essencial de Eliade para as culturas religiosas e a análise de experiência mítica caracterizavam suas obras. (Nota do **IHU On-Line**).

3 **Herman Northrop Frye** (1912-1991): foi um crítico literário canadense, um dos mais célebres do século XX. Nascido em Sherbrooke, Quebec, mas criado em Moncton, New Brunswick, ele passou toda sua carreira, incluindo seus dias de aluno da graduação, na Faculdade Victoria, Universidade de Toronto. Ele chegou à proeminência internacional quando ainda era estudante. A poesia profética de William Blake há muito era considerada divagações delirantes que nunca poderiam ser entendidas. Frye encontrou nela um sistema de metáfora derivado do Paraíso Perdido e da Bíblia. Ele publicou suas descobertas como Fearful Symmetry em 1947. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Evágrio Pôntico** (345-397): monge nascido na Capadócia, em Ibora, no Ponto, por isso chamado de Pôntico. Passou dezesseis anos de sua vida no deserto do Egito, como anacoreta. Foi discípulo e amigo de São Gregório de Nazianzo, sendo ordenado diácono por ele. Conduziu uma das grandes correntes da espiritualidade bizantina. Para Evágrio, a ascenção espiritual consiste em contemplar a Deus em si mesmo, de modo que se vê a Deus como num espelho. O caminho consiste em despojar-se dos pensamentos apaixonados, depois, mesmo dos pensamentos simples, até a completa nudez de imagens e conceitos. Escreveu diversas obras sobre oração, a vida monástica e a vida ascética. (Nota da **IHU On-Line**).

5 **Murilo Mendes** (1901-1975): um dos mais importantes poetas brasileiros, nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais. Publicou seu primeiro livro, *Poemas*, em 1930, ano em que também estreia o poeta Carlos Drummond de Andrade. Recebeu, em 1972, o prêmio internacional de poesia Etna-Taormina. Nesse ano veio ao Brasil pela última vez. Ao lado de seus livros, Murilo Mendes também publicou muito na imprensa, em especial artigos sobre artes plásticas, tendo ainda escrito muitos textos para catálogos de exposições de arte. (Nota do **IHU On-Line**)

6 **Gustave Flaubert (1821-1880): escritor francês, autor de *Madame Bovary***, escrito em 1844, romance realista no qual critica os valores românticos e burgueses da época. Sofria de epilepsia.

Fróes[7], seja nos mais boêmios, como Jack Kerouac[8] ou Guilherme Zarvos[9], encontramos uma permanente diferenciação do padrão de comportamento vigente, oposição ao *status quo*, desprezo pela moral dominante que estabelece o "bom homem". Porém, uma ascese poética moderna geralmente contraria o chamado "ideal ascético" cristão, afirma francamente o corpo e a materialidade, enfim, opõe-se à moral cristã, ou, paradoxalmente, reforça o tédio e a finitude do corpo diante da morte já antevistos na *acedia* dos monges da Idade Média. A interpretação do poema "O mau monge" de Baudelaire[10], feita por Marcelo Jacques de Moraes[11], no artigo "As flores do mal e o fracasso do poema", mostra precisamente a fonte ascética do primeiro poeta e crítico moderno, a partir da linhagem estabelecida por Agamben[12]. A literatura moderna ora retoma a secura ascética, ora afirma a vitalidade corporal e contraria a renúncia ao corpo, mas sempre reforça a renúncia ao mundo burguês, seja em seu puritanismo, seja em seu consumismo.

IHU On-Line - O que podemos compreender por uma mística secularizada?

Eduardo Guerreiro Brito Losso - Segundo Gershom Scholem[13], a mística tradicional já é uma secularização dos fundadores da religião. Ela reage a um engessamento da revelação e pretende revitalizá-la, o que desagrada os sacerdotes, que pretendem resguardá-la de mudanças. Adorno[14] segue Scholem nesse ponto e diz que a mística medieval é uma secularização que representa um avanço emancipatório. Justamente porque a mística cristã que floresceu no final da Idade Média e encontrou seu auge no século XVI foi logo reprimida, penso que seu anseio foi transferido para os esoterismos que, por sua vez, influenciaram profundamente a literatura moderna. Por conseguinte, o recalque do impulso místico fez com que o seu retorno aparecesse na arte moderna, especialmente naquilo que Octavio Paz chama de *analogia*. A partir do romantismo, há toda a história, ainda por fazer, de traços místicos na literatura moderna, nos seguintes planos: simbólico-temático, formal e o propriamente espiritual. Um autor ou uma obra podem estar, em diversos graus, próximos ou distantes dos pressupostos da perquirição mística.

IHU On-Line - Em que sentido a mística secularizada difere da mística tradicional?

Eduardo Guerreiro Brito Losso - Uma clara diferença está no fato de a mística tradicional não lidar com o "fora" de sua religião, de modo que o fantasma do niilismo exista mais num plano inconsciente, implícito — mas não deixa de estar lá —, pois ela, como eu disse, é fruto de uma secularização da religião e, por isso, é simultaneamente o signo de uma revitalização e de uma crise, a qual vai determinar a revitalização. Já a mística secularizada moderna não escapa dele, vai ter de

(Nota da IHU On-Line)

7 **Leonardo Fróes** (1941): poeta, tradutor, jornalista, naturalista e crítico literário brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Jack Kerouac** (Jean-Louis Lebris de Kerouac, 1922-1969): escritor, novelista, poeta, pintor estadunidense de origem franco-canadense, principal nome da geração beat. Principais obras: *On the Road*, *Os Vagabundos Iluminados*, *Big Sur*. (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Guilherme Zarvos** (1957): escritor, produtor cultural, professor, cientista social e economista brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Charles-Pierre Baudelaire** (1821-1867): poeta e teórico da arte francesa. É considerado um dos precursores do Simbolismo e reconhecido internacionalmente como o fundador da tradição moderna em poesia, juntamente com Walt Whitman, embora tenha se relacionado com diversas escolas artísticas. Sua obra teórica também influenciou profundamente as artes plásticas do século XIX. Em 1857 lança *As flores do mal*, contendo 100 poemas. O livro é acusado de ultrajar a moral pública. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Marcelo Jacques de Moraes:** professor de Literatura Francesa da Universidade Federal do Rio de Janeiro, atuando principalmente nas seguintes áreas: poesia francesa moderna e contemporânea, literatura e psicanálise, literatura e outras artes, tradução literária. Possui graduação em Psicologia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mestrado em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e doutorado em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Giorgio Agamben** (1942): filósofo italiano. É professor da Facolta di Design e arti della IUAV (Veneza), onde ensina Estética, e do College International de Philosophie de Paris. Formado em Direito, foi professor da Universitá di Macerata, Universitá di Verona e da New York University, cargo ao qual renunciou em protesto à política do governo norte-americano. Sua produção centra-se nas relações entre filosofia, literatura, poesia e, fundamentalmente, política. Entre suas principais obras estão *Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002), *A linguagem e a morte* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005), *Infância e história: destruição da experiência e origem da história* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006); *Estado de exceção* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007), *Estâncias - A palavra e o fantasma na cultura ocidental* (Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2007) e *Profanações* (São Paulo: Boitempo Editorial, 2007). Em 04-09-2007, o sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU publicou a entrevista *Estado de exceção e biopolítica segundo Giorgio Agamben*, com o filósofo Jasson da Silva Martins, disponível em http://bit.ly/jasson040907. A edição 236 da **IHU On-Line**, de 17-09-2007, publicou a entrevista *Agamben e Heidegger: o âmbito originário de uma nova experiência, ética, política e direito*, com o filósofo Fabrício Carlos Zanin, disponível em http://bit.ly/ihuon236. A edição 81 da publicação, de 27-10-2003, teve como tema de capa *O Estado de exceção e a vida nua: a lei política moderna*, disponível para acesso em http://bit.ly/ihuon81. Além disso, de 16 de abril a 23 de outubro de 2013, o IHU organizou o ciclo de estudos *O pensamento de Giorgio Agamben: técnicas biopolíticas de governo, soberania e exceção*, cujas atividades integraram o I e o II seminários preparatórios ao *XIV Simpósio Internacional IHU - Revoluções tecnocientíficas, culturas, indivíduos e sociedades*. (Nota da **IHU On-Line**)

13 **Gershom Scholem** (1897-1982): pesquisador da mística judaica, estabeleceu-se no estudo da Cabala em Jerusalém. É autor de *Die jüdische Mystik in ihren Hauptströmungen* (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000) e *Zur Kabbala und ihrer Symbolik* (Frankfurt am Main: Suhrkamp 1998). (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Theodor Adorno [Theodor Wiesengrund Adorno]** (1903-1969): sociólogo, filósofo, musicólogo e compositor, definiu o perfil do pensamento alemão das últimas décadas. Adorno ficou conhecido no mundo intelectual, em todos os países, em especial pelo seu clássico *Dialética do Iluminismo*, escrito junto com Max Horkheimer, primeiro diretor do Instituto de Pesquisa Social, que deu origem ao movimento de ideias em filosofia e sociologia que conhecemos hoje como Escola de Frankfurt. Sobre Adorno, confira a entrevista concedida pelo filósofo Bruno Pucci à edição 386 da Revista **IHU On-Line**, intitulada *Ser autônomo não é apenas saber dominar bem as tecnologias*, disponível para download em http://bit.ly/ihuon386. A conversa foi motivada pela palestra *Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais*, proferida por Pucci dentro da programação do *Ciclo Filosofias da Intersubjetividade*. (Nota da **IHU On-Line**)

enfrentá-lo nu e cheio de força: esse é o seu maior demônio.

Nos Seminários de Mística Comparada organizados por Faustino Teixeira, essa questão sempre retorna, pois há uma oposição entre uma defesa de uma postura afirmativa da vida (Faustino) e uma postura niilista (Luiz Felipe Pondé). Minha posição pende sempre mais para o Faustino. No contexto da discussão *à la* Pondé sempre me surpreendeu, positivamente, essa colocação do mal na pauta, mas a tendência que ele tem de ficar no extremo oposto como "garantia de qualidade do pensamento", ainda que não seja simples, e que produza um olhar interessante dentro de admiradores da mística (que enfrentam o perigo do escapismo), não é para mim desejável. A meu ver, parafraseando Nietzsche[15], o niilismo existe para ser superado, ainda que ele seja, por definição, insuperável. Ora, o místico e o poeta são paradoxais, e movimentam-se a todo instante nesse paradoxo. A ambição de superar o insuperável é a grandeza do homem, e produz os seus melhores legados. Aliás, sempre vi o esforço de produção dos grandes niilistas como uma gigantesca denegação do que promovem.

> "Quanto mais os indivíduos de uma sociedade forem capazes de examinarem a si mesmos, mais força e qualidade terão os movimentos sociais e mais eficácia tais movimentos terão de modificar o sistema"

Meu papel no seminário tem sido apontar aquilo que falta na colocação dos dois extremos, falta especialmente quando a oposição instaurada entre niilismo e afirmação não é posta de um ponto de vista radicalmente histórico, penso eu, cuja necessidade sua pergunta ressalta: a ruptura entre tradição e modernidade. E é preciso ter muito cuidado ao ler místicos tradicionais e tomá-los como uma palavra perfeita de sabedoria nos dias de hoje, pois eles eram atuais, modernos, em sua época, mas hoje são clássicos. Para revitalizar a mística tradicional na modernidade, mesmo para entender por que os místicos foram tão avançados em sua época, é preciso encarar a metrópole, a emancipação feminina, a ecologia, o capitalismo, etc., coisas que uma visão tradicional não abarca. Quem faz isso são os escritores modernos. Se a mística foi a revitalização da religião, os escritores modernos são a revitalização da mística, por isso, podem ser vistos como uma nova mística, sem dogma, uma verdadeira modernização da mística, enquanto religiosos demasiadamente conservadores continuam representando a censura eclesiástica da religião sem mística, e críticos que recusam a dimensão mística da literatura continuam representando a censura positivista, por mais que se considerem abertos e avançados.

De qualquer forma, nosso seminário é um encontro riquíssimo, porque eu sempre aprendo muito com aqueles que estão afunilando na mística tradicional cristã, ou mesmo místicas atuais, como o faz Maria Clara Bingemer[16], relações entre grandes escritores como Dostoiévski[17] e filoso-

15 **Friedrich Nietzsche** (1844-1900): filósofo alemão, conhecido por seus conceitos além-do-homem, transvaloração dos valores, niilismo, vontade de poder e eterno retorno. Entre suas obras figuram como as mais importantes *Assim falou Zaratustra* (9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998), *O anticristo* (Lisboa: Guimarães, 1916) e *A genealogia da moral* (5. ed. São Paulo: Centauro, 2004). Escreveu até 1888, quando foi acometido por um colapso nervoso que nunca o abandonou até o dia de sua morte. A Nietzsche foi dedicado o tema de capa da edição número 127 da **IHU On-Line**, de 13-12-2004, intitulado *Nietzsche: filósofo do martelo e do crepúsculo*, disponível para download em http://bit.ly/Hl7xwP. Sobre o filósofo alemão, conferir ainda a entrevista exclusiva realizada pela **IHU On-Line** edição 175, de 10-04-2006, com o jesuíta cubano Emilio Brito, docente na *Université Catholique de Louvain*, intitulada "Nietzsche e Paulo", disponível para download em http://bit.ly/dyA7sR. A edição 15 dos **Cadernos IHU** em formação é intitulada *O pensamento de Friedrich Nietzsche*, e pode ser acessada em http://bit.ly/HdcqOB. Confira, também, a entrevista concedida por Ernildo Stein à edição 328 da revista **IHU On-Line**, de 10-05-2010, disponível em http://bit.ly/162F4rH, intitulada *O biologismo radical de Nietzsche não pode ser minimizado*, na qual discute ideias de sua conferência *A crítica de Heidegger ao biologismo de Nietzsche e a questão da biopolítica*, parte integrante do Ciclo de Estudos Filosofias da diferença – Pré-evento do *XI Simpósio Internacional IHU: O (des)governo biopolítico da vida humana*. Na edição 330 da Revista **IHU On-Line**, de 24-05-2010, leia a entrevista *Nietzsche, o pensamento trágico e a afirmação da totalidade da existência*, concedida pelo Prof. Dr. Oswaldo Giacoia e disponível para download em http://bit.ly/nqUxGO. Na edição 388, de 09-04-2012, leia a entrevista *O amor fati como resposta à tirania do sentido*, com Danilo Bilate, disponível em http://bit.ly/HzaJpJ. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Maria Clara Bingemer**: teóloga e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. É autora de, entre outros, A experiência de Deus num corpo de mulher. São Paulo: Loyola, 2002; e Deus amor: graça que habita em nós. São Paulo/Valência: Paulinas/Siquem, 2003. **IHU On-Line** entrevistou a professora Maria Clara na edição nº 84, de 17 de novembro de 2003, sobre a filósofa Simone Weil, na 103ª edição, de 31 de maio de 2004, sobre o *Simpósio Internacional O Lugar da Teologia na Universidade do Século XXI*, evento promovido pelo IHU em maio de 2004, e na 121ª edição, de 1º de novembro de 2004, sobre o sentido cristão da morte. Maria Clara é autora do segundo número dos **Cadernos Teologia Pública**, publicado em 2004, intitulado *Teologia e Espiritualidade. Uma leitura teológico-espiritual a partir da realidade do Movimento Ecológico e Feminista*. Também publicamos uma resenha de seu último livro *A argila e o espírito* (Editora Garamond, 271 p.), na 132ª edição, de 14 de março de 2005. (Nota do **IHU On-Line**)

17 **Fiódor Mikhailovich Dostoiévski** (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destacamos *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. A esse autor a IHU On-Line edição 195, de 11-9-2006. dedicou a matéria de capa, intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*, disponível em http://bit.ly/g98im2. Confira, também, as se-

fia da religião de Jimmy Sudário Cabral[18], Marcus Reis Pinheiro[19] que traz as raízes da filosofia antiga, etc.

IHU On-Line - Quais são os principais aspectos para compreender a mística do insólito na literatura experimental contemporânea brasileira?

Eduardo Guerreiro Brito Losso - Baudelaire, primeiro poeta moderno, dizia que "o belo é sempre extravagante", polemizando contra o paradigma classicista, dos "professores-jurados". Certeau[20] dizia que a mística é ao mesmo tempo estranha e essencial. Nesse caso, quando me deparo com um poeta como Renato Rezende[21], autor de um livro chamado *Ímpar* (Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2005.), que evidencia o exercício de desprendimento por qualquer apego, uma ânsia pelo "alhures", o ignorado pela visão comum, encontro-me diante do essencial tanto para mística quanto para a poesia moderna. Há uma coleção de livros sobre poesia contemporânea chamada *Ciranda da Poesia* (Rio de Janeiro: Editora Eduerj, 2013), organizada pelo poeta e crítico Ítalo Moriconi[22], que, junto com a Editora Azougue, de Sergio Cohn[23], é uma das maiores iniciativas em prol da poesia brasileira. Vou participar da coleção com um livro sobre Renato, que será publicado no ano que vem.

Estou trabalhando também na bolsa do projeto de Apoio às artes da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro - Faperj junto com um verdadeiro movimento artístico dentro da MPB: o Coletivo Chama[24]. No contexto de um mercado musical que valoriza sempre o mediano e de um culturalismo que reforça o relativismo fácil, um discurso da multiplicidade que apaga as reais diferenças, eles são muito estranhos, porque não hesitam em criticar o mercado e a nova ideologia de frente, e são essenciais, porque, mesmo para quem discorde deles, só ao enfrentar as questões por eles lançadas é que poderemos sair dos impasses atuais da relação entre mercado e música. Esse problema foi levantado no "vazio da cultura", uma matéria da *Carta Capital* que foi muito pertinente, e cujo melhor desdobramento, até agora, foi o artigo do Fábio Durão[25] chamado "Crítica da multiplicidade", na revista *Cult*, que aponta o quanto a universidade brasileira atual é refém de um barateamento da teoria por seu excesso, sem reflexão independente, por um suposto questionamento do cânone que mal percebe o quanto canoniza seus teóricos e, ao reproduzi-los, desobriga a todos de apontar reais problemas e conflitos. Enquanto teórico crítico que sou, ligado a um movimento de atualização da teoria crítica no Brasil, junto com importantes pesquisadores como Bruno Pucci[26], Luiz Calmon Nabuco Lastoria[27], Antonio Zuin[28] e outros, minha

guintes entrevistas sobre o autor russo: *Dostoiévski e Tolstoi: exacerbação e estranhamento*, com Aurora Bernardini, na edição 384, de 12-12-2011, disponível em http://bit.ly/upBvgN; *Polifonia atual: 130 anos de Os Irmãos Karamazov, de Dostoievski*, entrevista com Chico Lopes, edição nº 288, de 06-04-2009, disponível em http://bit.ly/sSjCfy; *Dostoiévski chorou com Hegel*, entrevista com Lázló Földényi, edição nº 226, de 02-07-2007, disponível em http://bit.ly/uhTy9x. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Jimmy Sudário Cabral:** é graduado em teologia pela PUC-Goiás, com mestrado em Ciências da Religião e doutorado em Teologia pela PUC-Rio e Université de Strasbourg. Atualmente realiza estágio de Pós-doutorado no Departamento de Teologia da PUC-Rio e é doutorando em Ciências da Religião na École Doctorale De Théologie et Sciences Religieuses da Université de Strasbourg. (Nota da **IHU On-Line**)

19 **Marcus Reis Pinheiro:** graduado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, possui mestrado, doutorado e pós-doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Atualmente é chefe de departamento de Filosofia da Universidade Federal Fluminense, onde é professor adjunto II. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Michel de Certeau** (1925-1986): intelectual jesuíta francês. Foi ordenado na Companhia de Jesus em 1956. Em 1954 tornou-se um dos fundadores da revista *Christus*, na qual esteve envolvido durante boa parte de sua vida. Lecionou em várias universidades, entre as quais Genebra, San Diego e Paris. Escreveu diversas obras, dentre as quais *La Fable mystique: XVIème et XVIIème siècle* (Paris: Gallimard, 1982); *Histoire et psychanalyse entre science et fiction* (Paris: Gallimard, 1987); *La prise de parole. Et autres écrits politiques* (Paris: Seuil, 1994). Em português, citamos *A escrita da história* (Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982) e *A invenção do cotidiano* (Petrópolis: Vozes, 1998). Sobre Certeau, confira as entrevistas *Michel de Certeau ou a erotização da história*, concedida por Elisabeth Roudinesco, e *As heterologias de Michel de Certeau*, concedida por Dain Borges, ambas à edição 186 da **IHU On-Line**, de 26-06-2006, disponível em http://bit.ly/ihuon186. As mesmas entrevistas podem ser conferidas na edição 14 dos **Cadernos IHU em Formação**, intitulado *Jesuitas. Sua identidade e sua contribuição para o mundo moderno*, disponível para download em http://bit.ly/ihuem14. (Nota da **IHU On-Line**)

21 **Renato Rezende (1964): escritor, tradutor e artista visual. Graduou-se em Estudos Hispânicos pela Universidade de Massachusetts, Estados Unidos. Sua obra *Ímpar*** venceu o Prêmio Alphonsus de Guimaraens da Biblioteca Nacional como melhor livro de poesia de 2005. (Nota da IHU On-Line)

22 **Ítalo Moriconi:** graduado em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília, possui mestrado e doutorado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, além de um pós-doutorado em Comunicação na UFRJ. Atualmente é professor associado do Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. (Nota da **IHU On-Line**)

23 **Sergio Cohn** (1974): poeta e editor. Dirige a revista Azougue desde 1994 e coordena a Azougue Editorial desde 2001. (Nota da **IHU On-Line**)

24 **Coletivo Chama:** grupo que busca promover e divulgar manifestações alternativas de cultura. (Nota da **IHU On-Line**)

25 **Fábio Durão:** é professor do Departamento de Teoria Literária da Unicamp. Seu doutorado foi feito na Duke University, onde estudou com Frank Lentricchia e Fredric Jameson. (Nota da **IHU On-Line**)

26 **Bruno Pucci:** graduado em Teologia pela Pontifícia Universidade de San Tomás de Aquino, em Roma, em Filosofia pela Organização Mogiana de Ensino e Cultura, em Mogi das Cruzes, São Paulo, e em Letras Português e Literatura pela Universidade Metodista de Piracicaba – Unimep, onde também cursou mestrado em Educação. Na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP concluiu doutorado em Educação com a tese *Por uma praxis educacional da Igreja 1968-1979*. Confira a entrevista de Bruno Pucci concedida à **IHU On-Line**, *intitulada "Ser autônomo não é apenas saber dominar bem as tecnologias"*, disponível em http://bit.ly/1bteGd5. (Nota da **IHU On-Line**)

27 **Luiz Calmon Nabuco Lastoria**: graduado em psicologia pela Universidade Metodista de Piracicaba, possui mestrado em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo. Atualmente é professor na Universidade Estadual Paulista - Unesp - Campus Araraquara, atuando junto ao Departamento de Psicologia da Educação da Faculdade de Ciências e Letras. (Nota da **IHU On-Line**)

28 **Antonio Alvaro Soares Zuin:** graduado em Psicologia pela Universidade de São Paulo, possui mestrado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, com estágio dou-

pesquisa sobre mística secularizada na literatura e na música é ao mesmo tempo uma forma de desafiar o enrijecimento do materialismo dialético por dentro e também é um esforço por refletir sobre relações inusitadas, insólitas, não para festejar qualquer associação, mas para sedimentar uma forma de pensar de outro modo questões complexas e concretas.

Voltando ao Coletivo Chama, eles têm um programa de rádio na Roquette-Pinto chamado Rádio Chama, todas as sextas, 20h, no qual eu fiz algumas participações sobre a mística na modernidade. Cada programa é uma reunião insólita e muito bem pensada de diferentes estilos musicais em torno de um tema. Além disso, acabaram de ser lançados dois CDs muito instigantes: *Neon*, da banda Escambo[29], e *De ponta a ponta é tudo praia palma*, de Thiago Amud[30]. Estou ainda na expectativa do lançamento do CD de Pedro Sá Moraes[31], *Além do Princípio do Prazer*, cujo título já é um primor: não só é o nome do conhecido texto da metapsicologia freudiana, mas, a partir das questões da psicanálise — que, aliás, nasceu e cresceu no Brasil na mesma época que a MPB —, mostra sua relação ambígua com o imperativo do gozo fácil na música pop, o jogo difícil, a *arte* de aderir e resistir a ele.

IHU On-Line - Como se apresenta a mística do insólito em *Primeiras estórias*, de Guimarães Rosa[32]?

> "Meu diagnóstico diminui o imperativo dos coletivos e aumenta a necessidade do recolhimento, sem que uma coisa, devo insistir, se oponha à outra"

Eduardo Guerreiro Brito Losso - No artigo que escrevi sobre o famoso conto "A terceira margem do rio", apresentei a ideia de que o pai, que abandona a família para viver numa canoa, é um asceta decidido, visto como louco num ambiente tipicamente brasileiro, que não assimila homens fora da comunidade, como ocorre na Índia. O filho fica sempre intrigado com o pai. Não constitui família, como os irmãos, nem assume o convite do pai de viver na floresta uma vida selvagem. Proponho a leitura de que o filho procura uma terceira opção, nem família e integração social, nem recusa absoluta da sociedade, mas uma postura indecisa que aponta para uma terceira forma de existência que não existe.

Esse conto demonstra o quanto a cultura brasileira — que prima pelo convívio conjunto, orgulha-se de sua cordialidade, que é, contudo, extremamente excludente e injusta — até hoje não está preparada para aceitar pessoas que não participam dos valores de qualquer agremiação, aquelas que (num poema de Claudia Roquette-Pinto[33] que dialoga bastante com este conto) experimentam "o sombrio seguir-do-rio", que "fustiga como um pai".

Daí minha insistência na importância do recolhimento, não para meramente se opor à socialização, mas para aumentar a qualidade das relações sociais. A falta de leitura, a falta do momento de silêncio pessoal e o crescente imperativo do barulho festivo, imposto a todos os vizinhos e moradores em torno de um polo congregador, é consequência clara desse terrível sintoma.

IHU On-Line - Em que sentido podemos compreender a montagem e a desmontagem da filosofia de Hegel a partir de uma perspectiva da "máquina mística do pensamento"?

Eduardo Guerreiro Brito Losso - Esse foi um artigo que escrevi há tempos atrás para defender Hegel[34] de sua simplificação feita pela

toral na Universidade Johann Wolfgang von Goethe, Alemanha, e pós-doutorado em Filosofia da Educação pela Universidade de Leipzig, Alemanha. (Nota da **IHU On-Line**)

29 **Escambo:** é uma banda de música popular brasileira formada em 2006 no Rio de Janeiro. Fazendo jus a seu nome, que significa troca, o grupo já teve algumas formações instrumentais e passeou por universos musicais diversos – marcha, frevo, rock, valsa, samba, funk, baião, entre outros. (Nota da **IHU On-Line**)

30 **Thiago Amud** (1980): cantor, compositor, arranjador e violinista brasileiro. (Nota da **IHU On-Line**)

31 **Pedro Sá Moraes:** cantor e compositor carioca de MPB. (Nota da **IHU On-Line**)

32 **João Guimarães Rosa** (1908-1967): escritor, médico e diplomata brasileiro. Como escritor, criou uma técnica de linguagem narrativa e descritiva pessoal. Sempre considerou as fontes vivas do falar erudito ou sertanejo, mas, sem reproduzi-las num realismo documental, reutilizou suas estruturas e vocábulos, estilizando-os e reinventando-os num discurso musical e eficaz de grande beleza plástica. Sua obra parte do regionalismo mineiro para o universalismo, oscilando entre o realismo épico e o mágico, integrando o natural, o místico, o fantástico e o infantil. Entre suas obras, citamos: *Sagarana*, *Corpo de baile*, *Grande sertão: veredas*, considerada uma das principais obras da literatura brasileira, *Primeiras estórias* (1962), *Tutaméia* (1967). A edição 178 da **IHU On-Line**, de 02-05-2006, dedicou ao autor a matéria de capa, sob o título *"Sertão é do tamanho do mundo". 50 anos da obra de João Guimarães Rosa*, disponível para download em http://migre.me/qQX8. De 25-04 a 25-05-2006 o IHU promoveu o Seminário *Guimarães Rosa: 50 anos de Grande Sertão: Veredas*. Confira, ainda, a edição 275 da **Revista IHU On-Line**, de 29-09-2008, intitulada *Machado de Assis e Guimarães Rosa: intérpretes do Brasil*, disponível em http://bit.ly/mBZOCe. (Nota da **IHU On-Line**)

33 **Claudia Roquette-Pinto** (1963): formou-se em tradução literária pela PUC-RJ. Dirigiu, durante cinco anos, o jornal cultural Verve. Tem cinco livros de poesia publicados: *Os Dias Gagos* (Edição da autora, RJ,1991); *Saxífraga* (Editora Salamandra, RJ, 1993); *Zona de Sombra* (Editora 7 letras, RJ, 1997); *Corola* (Ateliê Editorial, SP, 2001 – Prêmio Jabuti de Poesia/2002) e *Margem de Manobra* (Editora Aeroplano, 2005). (Nota da **IHU On-Line**)

34 **Friedrich Hegel [Georg Wilhelm Friedrich Hegel]** (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, tentou desenvolver um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sua primeira obra, *A fenomenologia do espírito* (Petrópolis: Vozes, 2008), tornou-se a favorita dos hegelianos da Europa continental no século XX. Sobre Hegel, confira a edição nº 217 da **IHU On-Line**, de 30-04-2007, intitulada *Fenomenologia do espírito, de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de

diluição da desconstrução no discurso pós-moderno, já que, em meio a meros ataques fracos, seu fantasma paira por detrás da própria estrutura do discurso teórico, por ter sido ele o introdutor de um pensamento moderno que acolhe a contradição, o que se deve, sem dúvida, à forte influência de místicos como Eckhart e Jakob Boehme[35], que pensam sempre por meio do paradoxo.

Colegas como Martha D'Angelo[36], Pedro Hussak[37] e Claudio Oliveira[38], dentro da filosofia, João Camillo Penna[39], Marcelo Jacques e Alberto Pucheu[40], nos estudos literários, fazem um rico trabalho de aproximação entre literatura (ou arte) e filosofia, questionando, inclusive, a estética como uma área da filosofia que não se modificaria diante da esfinge da obra de arte, mas, ao contrário, fazem com que a filosofia acate o risco de uma obra e com isso possa, de fato, mobilizar um pensamento livre.

> "Só na melhor mística, na melhor arte e pensamento que encontramos uma verdadeira crítica do fanatismo"

Meu escopo, de qualquer forma, coloca mais um componente na equação, para complexificar: a mística. Penso que a filosofia que se põe sob o perigo da experiência estética moderna está enfrentando o substrato místico da relação com o indizível, o inapreensível, aquilo que ela identifica como negatividade, mas nem sempre percebe que tal negatividade origina-se, inelutavelmente, da teologia negativa. Para mim, a dualidade entre arte e pensamento, ou poesia e filosofia, não basta, falta aí um terceiro elemento que, se não for mencionado, permanecerá agindo por trás dos dois e restará impensado. Sou trinitário: filosofia, arte e religião; estética, poesia e mística; juntos, aí sim se iluminam, reciprocamente.

IHU On-Line - Quais são as tensões e enriquecimentos que se dão a partir do diálogo entre a literatura e a mística?

Eduardo Guerreiro Brito Losso - Inumeráveis. Infinitas. "Torvelinho de mil algas" (Thiago Amud). Já disse muitas, faltaria dizer tantas outras. Não acabaria nunca "esse eternamente esboço" (Pedro Sá Moraes). Além de todos os meus artigos, que vivem explorando esse território, recomendo um grande livro: *Um obscuro encanto: gnose, gnosticismo e a poesia moderna* (Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2010), do grandioso tradutor e poeta Claudio Willer[41].

Leia mais...

- *O terremoto tropicalista e sua monstruosidade barroca*. Entrevista com Eduardo Losso publicada na Edição 411 da **IHU On-Line**, de 10-12-2012, disponível em http://bit.ly/1e2R5rj.
- *A mística e o enfrentamento radical da miséria humana*. Entrevista com Eduardo Losso publicada na Edição 401 da **IHU On-Line**, de 03-09-2012, disponível em http://bit.ly/18RpBmL.

lançamento dessa obra. O material está disponível em http://bit.ly/1eEonKO. Sobre Hegel, leia, ainda, a edição 261 da **IHU On-Line**, de 09-06-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em http://bit.ly/1g0xNhE. (Nota da **IHU On-Line**)

35 **Jakob Böhme** (1575-1624): filósofo e místico luterano alemão. Böhme passou por experiências místicas em toda a sua juventude, culminando em uma epifania no ano de 1600 que teria lhe revelado a estrutura espiritual do mundo, assim como as relações entre o Bem e o Mal. (Nota da **IHU On-Line**)

36 **Martha D'Angelo:** graduada em Filosofia pela Universidade Santa Úrsula, possui mestrado em Educação pela Universidade Federal Fluminense, mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e doutorado em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal Fluminense. (Nota da **IHU On-Line**)

37 **Pedro Hussak van Velthen Ramos:** possui graduação em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, mestrado em Filosofia pela UFRJ e doutorado em Filosofia também pela UFRJ. É professor adjunto IV de Estética na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. (Nota da **IHU On-Line**)

38 **Claudio Oliveira:** professor de Filosofia da Universidade Federal Fluminense - UFF, coordenador da coleção *Filô Agamben* (Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012). (Nota da **IHU On-Line**)

39 **João Camillo Penna:** graduado e especialista em Letras Modernas pela Universidade de Paris, onde também realizou o mestrado na mesma área. Doutorou-se em Literatura Comparada pela Universidade da Califórnia, nos EUA. É pós-doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde é atualmente professor adjunto. É autor de *A imitação dos modernos* (São Paulo: Paz e Terra, 2000). Concedeu a entrevista *O homem, as máquinas e o futuro* publicado nas Notícias do Dia do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em http://bit.ly/1d6G0jW. (Nota da **IHU On-Line**)

40 **Alberto Pucheu** (1966): filósofo, poeta e ensaísta brasileiro, Professor Doutor do curso de Teoria Literária da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (Nota da **IHU On-Line**)

41 **Claudio Jorge Willer** (1940): poeta, ensaísta, crítico e tradutor brasileiro. Graduado em Psicologia pela USP e em Ciências Sociais e Políticas pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Obteve o título de Doutor em Letras pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo - FFLCH-USP, na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, com a tese *Um Obscuro Encanto: Gnose, Gnosticismo e a Poesia Moderna*. Completou pós-doutorado em 2011, também em Letras na USP, com ensaios sobre o tema *Religiões estranhas, msiticismo e poesia*. Como poeta, Willer distingue-se pela ligação com o surrealismo e a geração beat. Ao lado de Sergio Lima e Roberto Piva, é um dos únicos poetas brasileiros a receber menção do periódico francês La Bréche - Actión Surrealisté, dirigida por André Breton em fevereiro de 1965. (Nota da **IHU On-Line**)